

PIONEIROS



Carolina Castelo Branco Coutinho

Certeza na consolidação da capital no Planalto

Arquivo pessoal



BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Bastavam alguns minutos em pé no início de qualquer superquadra do Plano Piloto para que alguém, gentilmente, oferecesse carona para onde quer que fosse. O gesto, repetido inúmeras vezes por camaradas e desconhecidos, era característica marcante da Brasília que Carolina Castelo Branco Coutinho, 74 anos, viu crescer.

Esposa do jornalista Benedito Coutinho, falecido em 1978, Carolina chegou ao Distrito Federal por influência do marido, mas sempre apostou na consolidação da nova capital: "Nunca achei possível o retorno do Distrito Federal para o Rio porque era mesmo necessário desenvolver o centro do país", afirma.

A primeira imagem da cidade permanece viva em sua memória: "Tive a impressão de estar em uma cidade interplanetária, igual à das historinhas de Flash Gordon", conta. Era dezembro de 1960 e Brasília já estava inaugurada. Carolina visitava a capital a fim de conhecer a cidade para onde se mudaria dentro de seis meses. Coutinho vivia aqui há alguns meses como diretor da sucursal da revista *O Cruzeiro*,

que ficava na 707 Sul. *O Cruzeiro* era a revista de maior circulação no país.

O jornalista morava em um apartamento na 107 Sul, entregue pelo Grupo de Trabalho de Brasília (GTB) como parte da cota de imóveis para funcionários da Câmara dos Deputados, na qual ele estava credenciado. "Todos os órgãos do governo federal tinham uma cota de imóveis a receber", explica Carolina. "E cada órgão tinha um número de jornalistas cadastrados", completa.

As vantagens de Brasília Moradia barata e melhoria salarial eram os atrativos oferecidos a profissionais como Coutinho pa-

ra que aceitassem o desafio de viver em uma cidade ainda em construção. Nos primeiros dois anos em Brasília, os funcionários públicos, por exemplo, além de ter os salários dobrados, recebiam dois anos a mais de registro na Previdência Social para contar para a aposentadoria por tempo de trabalho.

Até a inauguração, em abril de 1960, muitas obras foram concluídas em tempo recorde. Mas nos anos seguintes ainda havia muito a ser feito. Na Asa Sul, por exemplo, os blocos da maioria das quadras já estavam prontos, mas as áreas livres não estavam gramadas. Nesses espaços abertos, Carolina conta que era co-

mum ver *lacerdinhas*, grandes redemoinhos de vento que chegavam a atingir a altura dos prédios de seis andares.

Algumas quadras ainda estavam inteiras por construir. "Quando cheguei, na quadra 207 Sul só existia um acampamento do Ipsi", conta. "Também vi as quadras 307 e 308 Sul serem construídas por completo", conclui. A Asa Norte era uma mata fechada por onde passava o Eixão. Apenas algumas superquadras 400 estavam prontas.

A cidade mantinha o aspecto de canteiro de obras e o comércio era muito precário. Mas seria mais fácil acompanhar o crescimento dos filhos e estar próxima

O CASAL BENEDITO E CAROLINA VEIO PARA BRASÍLIA TRABALHAR E ACOMPANHAR O CRESCIMENTO DOS FILHOS COM TRANQUILIDADE

do marido em Brasília do que no Rio de Janeiro, onde o casal vivia. Coutinho teve que vir antes de Carolina porque a filha mais nova, Flávia, na época com um ano de idade, contraiu uma virose que necessitava de cuidados médicos específicos.

Até julho de 1961, data em que Carolina mudou-se definitivamente para o Distrito Federal, Coutinho dividia seu tempo entre o Rio de Janeiro e Brasília: "Ele ficava uma semana aqui e uma lá", afirma. Assim que a saúde da criança melhorou, Carolina decidiu-se pela mudança.

No Rio de Janeiro, trabalhava como escriturária do Ipsi em regime de meio período. Quando Jânio Quadros assumiu a Presidência da República, entretanto, instalou o regime de período integral para todos os trabalhadores. Por conta disso, Carolina pediu licença não remunerada no órgão para poder cuidar de Flávia e mais dois filhos pequenos (o mais velho tinha dez anos). Para isto, Brasília seria perfeita.

A vida de Coutinho melhorara muito na nova capital. No Rio de Janeiro, onde trabalhava na revista e ainda no *O Jornal*, o jornalista só tinha contato com a família à noite ou nos raros momentos de folga. Em Brasília era diferente. A política concentrava-se toda

PIONEIROS

A pioneira trabalhava com escriturária do Ipasi no Rio de Janeiro, mas sua vinda para Brasília está relacionada com a decisão do marido jornalista de mudar para a cidade

Arquivo pessoal



NOS 15 ANOS DA
NETA, TODA A
FAMÍLIA REUNIDA

Raio X

Nome: Carolina Castelo Branco Coutinho
Idade: 74 anos
Origem: São Luís, Maranhão
Ano de chegada a Brasília: 1961
Profissão: Funcionária pública aposentada
Marido: Benedito Coutinho (falecido)
Filhos: Marcos, Leonardo e Flávia
Netos: Sara, Clarice, Guilherme, Juliana, Adriano, Rafael, Isadora e Fabiana.

na Esplanada dos Ministérios, facilitando a locomoção e aumentando a proximidade com os acontecimentos.

A relação com os colegas e algumas autoridades também era fortalecida aqui. "Sempre convidávamos as mais diversas pessoas para almoçar em nossa casa", diz. "Muitas vezes eu deixava tudo preparado sem saber quem viria", completa. O Planalto Central era possivelmente, naquela época, o único local onde um jornalista podia almoçar em casa, junto à família. O atendimento médico para a filha era feito no Hospital Distrital (Hospital de Base).

As diferenças entre as duas capitais, primeiro no litoral e depois no cerrado, era evidente para Carolina. "Parecia que estávamos mais perto da política aqui, pelas notícias nas rádios e nos jornais", diz. "Nos outros estados, entretanto, as notícias demoravam um pouco a chegar", com-

“**APÓS A ENTRADA DOS MILITARES NO PODER NÃO HOUVE MAIS DÚVIDAS DE QUE ISSO NÃO ACONTECERIA (VOLTA DA CAPITAL PARA O RIO DE JANEIRO), ERA ESTRATÉGICO PARA ELES PERMANECER AQUI**”

pleta. Tal fato foi fundamental para a consolidação da capital em Brasília após o golpe militar de 1964. "Até este ano, os boatos dos retornos do Distrito Federal para o Rio eram constantes", recorda-se. "Após a entrada dos militares no poder não houve mais dúvidas de que isso não aconteceria, era estratégico para eles permanecer aqui", conclui.

Projeto democrático

Em 1963, Carolina voltou a trabalhar no Ipasi, onde permaneceu até 1968. Depois de ser selecionada em um concurso público, passou a integrar o quadro de funcionários da Câmara dos Deputados.

Até 1966, nenhum apartamento funcional podia ser adquirido em Brasília e qualquer pessoa, independente de classe social ou nível cultural, podia residir em um apartamento do Plano Piloto. "Este era o projeto de Niemeyer e

Lúcio Costa", revela. "Não deu certo porque aos poucos, depois da venda dos imóveis, muitos decidiram vender o ágio dos apartamentos e casas e mudaram-se para as cidades satélites que nasciam", justifica.

Para residir nos apartamentos, era preciso pagar uma taxa mensal simbólica. Ninguém era proprietário dos imóveis. Em 1966, entretanto, o presidente Castelo Branco decidiu colocar os imóveis à venda por meio de um financiamento da Caixa Econômica Federal. As famílias tinham prazo de 30 anos para pagar, sem juros e correção monetária nos primeiros anos.

Nesta época, Carolina e Coutinho não estavam mais na 107. Viviam em um apartamento maior na 105 Sul, conseguido em 1963 após uma permuta com um deputado que recebera dois apartamentos por causa do tamanho da família. Carolina vive lá até hoje.

Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chivacatti, Stela Maris Zica e Vinicius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Revisão João Neto Diagramação Glaucio Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha dos entrevistados

